

ALBUQUERQUE (Luís Mendonça de). — *O Livro de Marinharia de André Pires*. Introdução de Armando Cortesão. Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar, 1963. Agrupamento de Estudos de Cartografia Antiga, Secção de Coimbra, 1. 233 pp.

O editor, Luís Mendonça de Albuquerque, professor de matemática e astronomia da Universidade de Coimbra, é uma das maiores autoridades na história da ciência náutica.

A obra ora editada é um dos raros livros de marinharia conhecidos. Livro de marinharia é o nome dado a livros escritos ou compilados por pilotos portugueses, na primeira metade do século XVI, contendo dados cosmográficos, solares, tábuas de declinação, regimentos e roteiros de navegação, destinados a pilotos, facilitando assim sua tarefa e dando-lhes alguma orientação.

O Livro de Marinharia de André Pires é o terceiro, cronologicamente, dos raros cinco livros conhecidos, datando sua compilação do segundo quartel do século XVI, embora possua alguns dados do século XV, a maior parte dos textos que o compõe localizam-se entre 1500 e 1520.

A obra está no códice 44 430 (Ms Portugais, 40) da Biblioteca Nacional de Paris, sendo o primeiro manuscrito e possuindo 37 fôlhas. Era desconhecido até 1831, quando o Dr. A. N. Carvalho descobriu-o, conforme consta em anotação na fôlha inicial; foi citado pela primeira vez em 1840 pelo Visconde de Santarém e foi parcialmente estudado por outros estudiosos, como Francisco Adolfo de Varnhagen em 1858, J. Denucé em 1911, Jaime Cortesão em 1932, A. Fontoura da Costa em 1933 e Teixeira da Mota em 1960. Esta é a primeira edição total da obra.

O conteúdo do livro é o seguinte: dois grupos de tábuas solares quatrienais, com instruções para o seu uso; três regimentos diferentes para determinação de latitude por observação meridiana do sol; dois regimentos da estrela Polar; regimento da Cruz do Sul (Cruzeiro do Sul); regimento da estrela do Sul; dois regimentos de graus, com comentários na extensão do grau do meridiano; cópia com variantes, do *Tratado da Agulha de Marear* de João de Lisboa; dados numéricos para o curso do Sol no Zodíaco; listas das latitudes em "isbas" (polegadas) tomadas com Kamal, de Ras el Hadd ao Cabo Guardafui, em 12 lugares, com explicação de como adaptar as cartas em "isbas" árabes à técnica de navegação com cartas graduadas; perguntas e respostas de cosmografia elementar; roteiro de Portugal à Índia (incompleto); roteiro do Mar Vermelho, primitivo e breve e regras para determinar os dias de lua e festas móveis da Igreja pela mão.

A edição divide-se em duas partes: a primeira, um estudo crítico dos dados contidos no livro, confrontados com outros conhecidos, procurando ver as variações e os erros do copista. Além da confrontação de textos, o autor refêz cuidadosamente os cálculos astronômicos, procurando determinar os anos em que as tábuas solares poderiam ter sido úteis, chegando à conclusão que desde o século XV os navegantes portugueses guiavam-se por elas, e que o primeiro grupo delas, de 1493-1496, 1497-1500, 1501-1504 poderiam ter sido calculadas para a viagem de Vasco da Gama à Índia.

A segunda é a edição modernizada do livro de marinharia, ilustrada e fartamente comentada, sendo anotados os erros do copista e as variações das obras conhecidas, permitindo uma visão ampla da obra no seu tempo. Possui também

uma bibliografia de alto nível, um índice onomástico muito bem feito e índice geral.

A edição do Livro de Marinharia de André Pires é uma obra obrigatória para o estudioso das navegações portuguesas, tanto pela edição cuidada do texto, como pelas contribuições ao conhecimento da técnica de navegação empregada na época.

RAQUEL GLEZER

*

* *

MOUSNIER (Roland). — *Fureurs paysannes. Les paysans dans les révoltes du XVIIe siècle (France, Russie, Chine)*. Coleção "Les grandes vagues révolutionnaires". Paris. Calman-Lévy. 354 pp.

O século XVII foi um grande século de revoltas e revoluções, que surgiram em quase tôdas as partes do globo. Grupos sociais delas participaram, mas os camponeses desempenharam um papel importante. O autor deixou de lado, positivamente, as revoluções da Inglaterra que devem ser estudadas comparativamente com a Fronda francesa, em outro volume dessa coleção. O autor de *Fureurs paysannes* procurou analisar alguns movimentos típicos, em França, na Rússia e na China. Êsses movimentos, na França e na China, não tiveram por finalidade uma transformação profunda da sociedade, mas uma volta à sociedade tradicional. Tiveram como fim secundário, a melhoria da situação das camadas humildes numa sociedade de conjunto, em que os camponeses aceitaram as estruturas tradicionais. Na Rússia, ao contrário, os camponeses tentaram, sobretudo no tempo de Stenka Razine, destruir a obra de um Estado que imobilizara tôda a sociedade em quadros cada vez mais rígidos, numa sociedade de Ordens, organizada artificialmente para o serviço do Estado, e onde se condenava os camponeses à servidão. Por tôda a parte, sob formas diversas, parece que foi o desenvolvimento do Estado moderno, inovador, centralizado e unificador, a redução da mobilidade social, e da esperança social, o sentimento de frustração entre os homens participando cada vez menos em seu destino, a causa profunda dos movimentos camponeses.

E. S. P.

*

* *

HAUSER (Henri). — *La modernité du XVIe siècle*. Cahiers des Annales. Publiés avec le concours du Centre National de Recherche Scientifique. Librairie Armand Colin. Paris, 1963, 133 páginas, formato 0,15 x 0,23, fotografias do autor e nota manuscrita. Prefácio de Fernand Braudel. Presses Universitaires de France.

Tôda publicação do *Centre National de Recherche Scientifique*, dispensa apresentação, especialmente quando prefaciada por Fernand Braudel, tal sua honres-